

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Outubro
novembro
2014

ANO IX
n° 60

www.anenet.com.br

O PARNASIANISMO

Margarida Patriota

“A baixo o pieguismo romântico e a crueza naturalista!”, bradaram em fins do século XIX os poetas Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Francisca Júlia, principais representantes do Parnasianismo no Brasil.

A poética parnasiana (pois o Parnasianismo foi antes de tudo um movimento poético) defendeu-se do sentimentalismo romântico buscando a impessoalidade, e escapou do compromisso com a realidade social prestando culto à poesia, como a uma deusa. Esse movimento de renovação poética originou-se em 1866, na França, com o poeta Théophile Gautier e com o primeiro número da revista *Le Parnasse Contemporain*, que pregava a objetividade na des-



Olavo Bilac

crição do mundo, a contenção afetiva, a retomada dos temas da história antiga e o culto à forma.

Entendia-se por forma a beleza externa do poema, sua decoração ou roupagem. O poema era um “produto de beleza”, cuja qualidade supunha artesanato refinado e materiais nobres. Não se fazia um poema de qualidade num rasgo de inspiração com temas e construções banais. Eram necessários versos rigorosamente medidos e cadenciados, palavras raras, rimas ricas, retidão gramatical, sintaxe de efeito, descrição pormenorizada de objetos como vasos, leques, estátuas, taças, conhecimento de mitologia grega.

Continua na página 5

UBALDO, O IMORTAL DE BERMUDAS

Edmílson Caminha

Houve uma época, na escola pública brasileira, em que o Colégio Central da Bahia, em Salvador, teve, ao mesmo tempo, alunos que se chamavam Glauber Rocha, Paulo Gil Soares, Fernando da Rocha Peres, João Ubaldo Ribeiro, Florisvaldo Mattos, Calasans Neto e João Carlos Teixeira Gomes. Colaboradores da revista *Mapa*, que deu nome à geração de baianos sem os quais o cinema, a literatura e as artes plásticas não alcançariam a culminância a que chegaram no Brasil.

Continua na página 6

CARTA A PROPÓSITO DE UMA CRÔNICA

João Carlos Taveira

Dileto amigo Nilto Maciel,

L'après-midi d'un faune (“A tarde de um fauno”) é um dos poemas mais famosos de Stéphane Mallarmé, escrito em 1865 e publicado onze anos depois, com ilustrações do pintor impressionista Edouard Manet (muito apreciado pelo saudoso José Helder de Souza). O poema conta a história, em clima sensual, de um fauno que toca sua flauta nos bosques e fica excitado com a passagem de ninfas e náiades, e tenta alcançá-las em vão. Então, cansado e triste, cai em sono profundo e passa a sonhar com visões que o levam, afinal, a atingir os objetivos que não tinha alcançado dentro da realidade.

Continua na página 9

PARIS É UMA FESTA

Fabio de Sousa Coutinho

Em memória de Jório Salgado Gama Filho (1940-2013),
primo querido, amigo perfeito

No campo estritamente livresco, por certo o de maior interesse aos leitores desta publicação, o ano de 2014 marca, entre tantas datas importantes, o cinquentenário do lançamento póstumo, em 1964, de uma obra preciosa, americana na origem, estética e universal no legado humanista. Morto em 1961, Ernest Hemingway deixou pronto o seu extraordinário *A Moveable Feast*, editado postumamente, nos Estados Unidos, há exatos 50 anos, pela prestigiosa casa livreira Simon & Schuster. Entre nós, foi traduzido pelo grande Ênio Silveira e ganhou o inspirado título de *Paris é uma festa*.

Continua na página 7

ARIANO SUASSUNA

M. Paulo Nunes

Registro, com pesar, o recente desaparecimento de três eminentes vultos da Academia Brasileira de Letras: Ivan Junqueira, João Ubaldo Ribeiro e, no dia anterior, 23 de julho, o do grande teatrólogo e também acadêmico Ariano Suassuna, este, aos oitenta e sete anos, nascido a dezesseis de junho, em João Pessoa-PB, nome que ele nunca reconheceu em vida. Lembro, com saudades, que quando estive em 1962, no Rio de Janeiro, época em que exercia o cargo de Inspector Seccional do Ensino Secundário, quando era o Rio ainda formalmente a capital federal do país, dado o fato de que a recente inauguração de Brasília não lhe dava condições de funcionalidade, nos momentos disponíveis, aproveitava para assistir a apresentações teatrais, naquela capital.

Na ocasião, tive a oportunidade de assistir ao *Auto da Compadecida*, em uma das mais belas apresentações daquela peça, nela utilizando-se o autor da temática popular do teatro de Gil Vicente, misturando a realidade deste mundo com a do outro, ao texto dramático, considerado também por Sábato Magaldi o mais popular da moderna dramaturgia brasileira, além de ser essa obra aquela com que Ariano Suassuna revolucionou a nossa dramaturgia, tida por todos como a mais importante do autor.

Com a revolução de 30, após o assassinato de João Pessoa, passou a família de Ariano, este ainda em tenra idade, a residir no Rio de Janeiro, mas nem assim pôde-se evitar a sanha desencadeada contra a família do autor, dado o fato de seu pai, João Suassuna, haver antecedido a João Pessoa, no governo da Paraíba, tendo sido assassinado naquela cidade, então capital do país, passando a família a residir em Taperoá, de 1933 a 1937.

Nessa época, fez o autor seus primeiros estudos e assistiu, pela primeira vez, a uma peça de mamulengo e a um desafio de viola, cujo caráter de improvisação seria uma das marcas registradas também da sua produção teatral. Em 1942, passou a residir no Recife, onde concluiu seus estudos secundários, em 1945.

No ano seguinte, iniciou seus estudos superiores, na Faculdade de Direito, onde conheceu

Hermilo Borba Filho, com quem fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco. Escreveu sua primeira peça em 1947 intitulada *Uma mulher vestida de sal*, à qual se segue: *Cantam as harpas de Sião* (1945) ou *O desertor de Princesa; Auto de João da Cruz* (1950); *Torturas de um coração* (1951); *O castigo da soberba* (1953); *O rico avarento* (1954); *O casamento suspeito* (1956); *O santo e a porca; O homem da vaca; O poder de fortuna* (1958); *A pena e a lei* (1959); *A farsa da boa preguiça* (1960); *A caseira e a Catarina* (1962). Na companhia de Hermilo Borba Filho, fundou, em 1959, o Teatro Popular do Nordeste.

No início dos anos 60, dedicaria seu tempo às aulas de Estética da Universidade Federal de Pernambuco, sendo, em 1969, nomeado pelo Reitor Murilo Guimarães, diretor do Departamento de Extensão Cultural daquela instituição de ensino.

Entre 1958 e 1979 dedicou-se também à prosa de ficção, publicando o *Romance d'A Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971) e *História d'O rei degolado nas caatingas do sertão, ao sol da onça caetana* (1976), classificados por ele como o “romance armorial-popular brasileiro”.

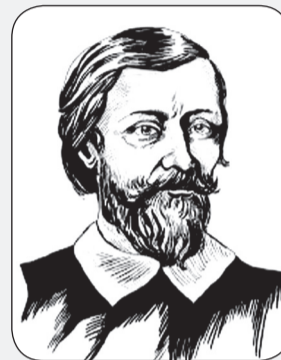
Ariano Suassuna construiu em São José do Belmonte (PE), onde ocorre a cavalgada inspirada no *Romance d'Pedra do Reino*, um santuário ao ar livre, constituído de dezesseis esculturas de pedra com 3,50 m de altura cada, dispostas em círculo, representando o sagrado e o profano. Além do proposto, inicialmente, quero assim associar-me um pouco tarde já à consternação do país pelo desaparecimento destas três figuras, empobrecendo um pouco mais a cultura brasileira.

Por parecer oportuno, evoco aqui a perfeita definição da obra de arte que nos deixa o iluminado trovador que foi Ariano Suassuna:

“A alma é divina
E a obra é imperfeita
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que da obra ousada é minha a parte feita.
O por fazer é com Deus.”

Soneto do Mês

A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR



Gregório de Matos

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não quereis, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3244-3576 – Fax: 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

25ª DIRETORIA
2013-2015

Presidente: Kori Bolívia
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2º Vice-Presidente: Fontes de Alencar
Secretário-Geral: Fábio de Sousa Coutinho
1ª Secretário: Marcos Freitas
2º Secretário: Ariovaldo Pereira de Souza

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira
Diretora de Biblioteca: Thelma Rocha Pinheiro
Diretor de Cursos: Wilson Wander Lopes
Diretor de Divulgação: Jacinto Guerra
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera, José Santiago Naud, Napoleão Valadares e Romeu Jobim.

Jornal da ANE nº 60 – Outubro / novembro de 2014

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

José Jeronymo Rivera

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta
Danilo Gomes

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

ADEUS A VERA BRANT

Danilo Gomes

Mineira de Diamantina, como Juscelino Kubitschek, Vera Brant chegou a Brasília em 1960, na hora inaugural da nova capital do país. Poeira, suor, esperança e foguetório. Ela veio com armas, bagagens, coragem e simpatia. E aqui ficou, até sua morte, por volta de seis horas da manhã de domingo, 14 de setembro deste 2014. Um câncer na laringe levou de volta a Deus essa católica fervorosa e caridosa. Foi pioneira, professora, corretora de imóveis, poeta e prosadora. Amiga, amicíssima, e confidente de JK, que nela sempre encontrou carinho, conselho e ombro amigo, nos momentos de tempestade pessoal e sentimental ou de turbulência política.

Na pia batismal, Maria Vera Teixeira Brant. Nos livros que escreveu, Vera Brant. Para Juscelino, “minha querida amiga Vera”, como iniciava suas cartas manuscritas. Para Darcy Ribeiro, outro amigo íntimo, Veríssima ou Verinha (o professor era outro bom escrevedor de cartas).

Estudou em Belo Horizonte e trabalhou no Rio de Janeiro.

Dinâmica, trabalhadeira, não teve tempo de se casar. Seus filhos eram seus sobrinhos, como Altino e Celso Brant Sobrinho. Coração valente e generoso, Vera ajudou a muita gente, na democracia ou nos anos do regime militar que perseguiu JK e seus amigos. As histórias que se contam são numerosas.

Gostava de escrever. Deixou bons livros, que enriquecem a bibliografia brasileira.

Publicou dezenas de artigos no jornal *Correio Braziliense*, em geral memorialísticos.

Ela é verbete no prestante e valioso “Dicionário de Escritores de Brasília”, de Napoleão Valadares, já em terceira edição, 390 páginas, 2012, André Quicé Editor. Após informações iniciais, o autor informa ser Vera Brant professora, inspetora de ensino, empresária, presidente da Fundação Athos Bulcão. E que participa das antologias *Conto candango*, 1980, organizada por Salomão Sousa, e *Todas as gerações – o conto brasileiro contemporâneo*, 2006, organizada por Ronaldo Cagiano. A seguir, elenca-lhe os livros publicados: *A ciclôtimica*; *A solidão dos outros*; *Ensolarando sombras*; *Carlos, meu amigo querido*; *JK – o reencontro com Brasília*; *Darcy*. O dicionarista registra o ano de cada obra. Seu último livro, publicado em 2014, teve como tema a escritora diamantinense Helena Morley, autora do clássico *Minha vida de menina*, publicado em 1942. Helena Morley era o pseudônimo de Alice Brant, avó do jornalista e escritor Eduardo Almeida Reis, da Academia Mineira de Letras.

Carlos Drummond de Andrade era seu admirador e correspondente.

Deixou uma legião de amigos. Dentre eles o escritor, bacharel em Direito e antigo

assessor de Juscelino, o coronel Affonso Heliodoro dos Santos, 98 anos, que assim lamentou a partida da amiga e conterrânea: “Mulher dinâmica, inteligente, correta, com qualidades excepcionais. Lutou sozinha e conseguiu vencer as dificuldades.”

Vera Brant sempre foi uma espécie de embaixadora de Brasília. Mais que isso, foi, desta cidade, guardiã e nume tutelar, fada protetora e maternal, encantada com os pássaros e as flores do cerrado, em especial os flamboyants. Foi amiga, além de JK e Affonso Heliodoro, de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro, Tom Jobim, Ronaldo Costa Couto, Ari Cunha, Sepúlveda Pertence, Carlos Murilo Felício dos Santos (primo de JK), Carlos Ayres Brito, Gilberto Amaral, Adirson Vasconcelos, Mônica Sifuentes (escritora e desembargadora do TRF), Fernando Brant (primo), Silvestre Gorgulho, Carlos Zarur, Pedro Rogério Moreira e tantas e tantas pessoas, ilustres personalidades ou modestas criaturas de seu bem-querer.

A última vez em que estive com Vera Brant foi nas comemorações do centenário de Juscelino, em 2002. Corria o último ano do Governo Fernando Henrique Cardoso. Foram prestadas várias homenagens ao grande estadista, fundador de Brasília e perspicaz continuador de Getúlio Vargas na Marcha para o Oeste. Radiosa manhã de festa nos jardins do Palácio da Alvorada, presentes a filha de JK, Maria Estela, e outros membros da família. Este escriba lá, trabalhando com a imprensa. Vera Brant estava no seu elemento. Festa para Juscelino, sempre merecedor, ele mesmo um festeiro de marca maior. Vera Brant saudava uns e outros. A bem dizer, foi uma das estrelas do evento. Ria e brincava. FHC e Dona Ruth pontificando, anfitriões elegantes, discretos, refinados, estilo JK e Dona Sarah. Vera Brant feliz. Fui cumprimentá-la. Um juscelinista reconhece o outro no meio das legiões e das centúrias. A Velha Guarda está sempre de atalaia. Foi a última vez que a vi. Sorria, feliz, como se Juscelino, seu querido amigo e com quem sempre dançava alegremente, ainda estivesse ali, mais vivo que um peixe vivo dentro da água fria...

Vou encerrar. Já passou da hora. Vera Brant foi sepultada na Ala dos Pioneiros do Cemitério Campo da Esperança. Dois violeiros, sentados em modestas cadeiras brancas de plástico, tocavam e cantavam em sua homenagem. Ela gostava de música sertaneja, rancheira, caipira, de moda de viola, que nem este velho escriba mineiro. Foi como se ela, feliz, pacificada, estivesse voltando para Diamantina, para sempre, no meio da cantoria, no meio de uma serenata, de mãos dadas com Juscelino.

Busca insana

En busca de mí misma
en la verdad de cada uno,
en busca de un sueño,
en la esperanza de todos,
en busca de un nada
y de un todo que se fue
busca insana.
Mitad de vida,
soledad.
Cuando muera,
dirán de mí
que busqué
esas cosas lindas
que nunca existirán.

Poema de Branca Bakaj traduzido para o espanhol por Kori Bolivia



O Canto de João Carlos

Antônio Temóteo

O poeta pronto e feito
nasceu com música e rima,
tudo lhe chegou perfeito,
pura sintonia fina
sem qualquer jaça ou defeito.

O poeta nasceu mestre
no refino de sua arte
tão doce qual mel silvestre,
severa tal qual um enfarte.

Uma arte forte, inocente,
garça voando no céu,
como amor adolescente,
desengonçado e fiel,

ela é verso junto ao verso
que aparece todo dia,
encurtando estrada e acesso,
fecundando-se em poesia.

E assim, o poeta, alheio,
haure do sonho alimento;
quando a dor lhe atinge o seio
causando-lhe sofrimento,

no livro a derrama, anima,
e, em sutil rima mineira,
na pena, versos refina
o João Carlos Taveira.

Lugares-Comuns

(Citações)

Emanuel Medeiros Vieira

(Carta – em forma de prosa poética?
em memória de Nilto Maciel)

“Há criaturas como a cana. Mesmo postas na moenda, esmagadas de tudo, reduzidas a bagaço, ainda sabem dar doçura.”

(Dom Helder Câmara)



“Se houver uma eternidade, estarei nela em danação”, escreveu o poeta Ted Hughes (1930-1998), sempre acusado pelo suicídio de sua mulher, a também poeta Sylvia Plath (1932-1963).

Que eternidade é essa?
E seguimos.
Rios, mares, dias, velórios, celebrações.
Segundas, terças, domingos.
Consolo-me em saber que os estádios da Copa não durarão como o Coliseu.
Ainda vale a pena escrever, Nilto?
Alguém se importa?



“Nasci para satisfazer a grande necessidade que eu tinha de mim mesmo.”

(Jean-Paul Sartre)



Os líderes esquerdistas de hoje mostram um alarmante disposição para adotar as técnicas da velha direita.

“Chato repetitivo, moralista, ideológico” – escrevo prosa e cito demais.

“Passada a provação
Vejam só sua alvura.”

(Ho Chi Min, falando do arroz no pilão)



Envelhecer.
“Não se lamente por envelhecer. Este é um privilégio negado a muitos.”
(Marta Parks)



Perdoem a enxurrada de citações.
Nilto, um grande abraço.
Não vejo, sinceramente, um bom futuro para este mundo. Mas toquemos em frente.

Há sol, há pássaros, um menino e seu boné – esta vida estupidamente finita, rápida.

O absurdo nos despertará?

Perco Deus. Encontro Deus. E tudo o que é humano parece me (nos) escapar.

ENCONTRO LITERÁRIO NA SEDE DA ANE

No dia 19 de agosto de 2014, na sede da Associação Nacional de Escritores, reuniram-se escritores e amigos para uma confraternização em torno de Márcio Catunda. Naquela noite festiva, o poeta autografou vários livros, CDs e DVDs de sua autoria.

O poeta e diplomata cearense, que atualmente serve na Argélia, está de férias no Brasil. Depois de Brasília, deve visitar Fortaleza e Rio de Janeiro antes de retornar ao seu posto de trabalho na Embaixada do Brasil naquele país africano.

A presidente Kori Bolivia, que o recebeu ao lado da secretária Rosângela Trindade, enalteceu o momento dizendo que encontros como aquele deviam ser mais constantes, uma vez que promovem intercâmbio cultural e renovam os laços de amizade entre os homens.

Entre os presentes, Anderson Braga Horta, Arealdo de Paula, Arioaldo Pereira de Souza, Daniel Barros, Jarbas Junior, José Couto Filho, José Jeronimo Rivera, José Santiago Naud, Marcos Linhares, Napoleão Valadares, Plínio Teixeira, Renato Zimmermann Tomassi, Salomão Sousa, Affonso Ligório, João Carlos Taveira

Cultura em Debate

“VOLTEI, RECIFE...”

Afonso Ligório Pires de Carvalho

Novamente no Recife. É sempre agradável voltar ao Recife, rever a cidade, andar por conhecidas e antigas ruas, contemplar o sempre imponente edifício do *Diário*, na Pracinha, agora patrimônio histórico, mesmo sem mais ouvir o seu carrilhão anunciar solene as horas como antigamente. Visitar amigos, entrar em contato com a terra onde cheguei adolescente, procedente de Teresina, minha Teresina que também não esqueço. No Recife me defini profissionalmente, me casei e nasceram os meus filhos.

Desta vez, foi prazeroso almoçar no restaurante Leite em companhia dos confrades Gladstone Vieira Belo e Joesil Barros, antigos colegas de trabalho, hoje diretores do *Diário de Pernambuco*. Com eles falar do passado comum, sem preocupação de tempo, não obstante os dois terem muita gente a esperá-los na direção dos Diários Associados do Nordeste...

Que bom reencontrar gente conhecida do meu tempo, o Silvio Pessoa, de longo currículo dedicado a Pernambuco; o Leonardo Dantas, historiador do Recife. Grande Leonardo, que fala da invasão holandesa como se tivesse acontecido ontem. Visitar o Iuri Gomes Leite, diretor comercial da Globo Nordeste, a quem vi ensaiar os primeiros passos, filho do jornalista Ronildo Maia Leite; falar com o historiador Fernando da Cruz Gouveia, sobrinho do velho jornalista Renato Evaristo da Cruz Gouveia. Fernando, como pesquisador, é quem mais conhece o dia-a-dia dos quase 200 anos do *Diário de Pernambuco*...

Enquanto saboreávamos caprichada peixada pernambucana no Restaurante Leite, relembramos, naquela início de tarde, meio século de assuntos que nos eram comuns. Desde quando eu e Joesil trabalhávamos, ou melhor, ralávamos, no *Jornal Pequeno*, de Ranilson Sá Barreto, bravo cidadão que, sem dinheiro, teimava em editar um jornal deficitário no Recife, ao ingresso do Gladstone no *Diário*, pelas mãos do admirável secretário Antonio Camelo da Costa. Camelo viu no jovem postulante, recém-formado, um jornalista de futuro. E não errou.

Naquele encontro no Leite, em meio a tantas recordações, não podíamos deixar de mencionar o mestre Aníbal Fernandes. Parece que estou a vê-lo sempre apressado, irrequieto, a subir e descer o elevador do *Diário*, entre a redação e o seu gabinete de trabalho. Mauro Mota também foi citado na conversa com afetuosas lembranças nossa da sua bondade, caráter e competência de jornalista e poeta. Relembramos a posse de Costa Porto na direção do *Diário*, quando Gilberto Freyre ao saudá-lo disse enfático: “Ministro Costa Porto. O *Diário de Pernambuco* é mais que um ministério porque é um magistério.”

Não esquecemos as antigas e barulhentas oficinas do *Diário*, a figura do linotipista Calinício Silveira a estudar o esperanto nos intervalos das composições; o Geraldo gordo, antes, emendador de provas, depois linotipista por esforço próprio. A elegância do velho Noblat, o Marrocos e outros companheiros das artes gráficas, cada um a compor em chumbo as matérias enviadas pela redação, após vistas e aprovadas pelo Camelo.

Sem combinar, a certa altura, preferimos calar e não mais citar ninguém da redação, embora todos estivessem em nossa memória. É que a maioria dos colegas daquele tempo já se foi...

No dia seguinte embarquei para Brasília, já saudoso do Recife, tentando, enquanto o avião se distanciava, programar um breve retorno.

– Se Deus quiser! – prometi a mim mesmo olhando, lá embaixo, pela janela do avião, a paisagem dos canaviais que se distanciavam.



No dia 14 de agosto de 2014, a Associação Nacional de Escritores, dentro da programação das Quintas Literárias Internacionais, recebeu o poeta boliviano Homero Carvalho Oliva, que falou sobre literatura e convívio literário em seu país, traçando um painel histórico muito interessante. A palestra, intitulada “Bolívia: Tu Voz Habla en el Viento”, teve como ilustração leitura de poemas em português a cargo de nossa presidente Kori Bolivia, que, diante de uma plateia numerosa e atenta, fez as honras da Casa em alto estilo. (JCT)

○ PARNASIANISMO

Margarida Patriota

Para os parnasianos a poesia era um ofício semelhante ao do ourives, que produz, com metais e pedras preciosas, jóias ricas e duradouras. O poeta devia trabalhar os versos como quem lapida diamantes para compor um colar, burilar as estrofes como quem cinzela o ouro de um anel. Ou, tal como o escultor, deveria talhar sua imagem poética num bloco de granito tão resistente quanto o monte Parnaso – montanha da Grécia clássica dedicado a Apolo e às musas.

O Parnasianismo despontou na poesia Brasileira em 1882, com a publicação de *Fanfarras*, de Teófilo Dias, mas adquiriu prestígio e popularidade sobretudo com Olavo Bilac, que resumiu para nós os princípios de sua estética no poema “Profissão de fé”.

O que o poeta Olavo Brás Martins dos Bilac (repararam como este nome forma um alexandrino, isto é, um verso de doze sílabas métricas?) afirmou na teoria, realizou na prática. Entre 1888 e 1889, quando escreveu o livro *Poesia e compôs* a letra do Hino à Bandeira; passando por 1907, quando foi eleito “príncipe dos poetas”; até os últimos anos de vida, 1915-1918, quando esteve a serviço das causas cívicas da alfabetização e do serviço militar obrigatório, Olavo Bilac dedicou-se com fervor à poesia, trabalhando seus poemas “como beneditino”, dispensando, a cada um, meticoloso apuro técnico. Com isso, cristalizou formas que resistiram ao tempo na admiração culta e popular do país. Manejando com perícia os componentes da estética parnasiana, Olavo Bilac ergueu dos mais tocantes e honrosos monumentos à língua portuguesa no soneto “Última flor do Lácio»:

Última flor do Lácio, inculca e bela
Es a um tempo esplendor e sepultura
Ouro nativo que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura.

Amo teu viço agreste e teu aroma
De virgens selvas e oceanos largos.
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que no berço materno ouvi: “Meu filho”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho.

Outra bela realização de sofisticada elaboração parnasiana é o soneto “Círculo vicioso” de Machado de Assis.

Os parnasianos também foram chamados de “impassíveis”. A essa acusação Olavo Bilac respondeu:

Ninguém e nada é impassível: nem sei se as pedras podem viver sem alma. Uma estátua, quando é verdadeiramente bela, tem sangue e nervos.

Uma vez imposto em nossa cultura, o estilo parnasiano dominou o cenário crítico dos grandes jornais e ditou as normas da produção poética brasileira até 1922, ano da Semana de Arte Moderna. Basta lembrar que em concurso realizado para escolher a letra do Hino Nacional Brasileiro, em 1909, venceu a letra de características parnasianas do poeta Osório Duque Estrada.

No período em que o estilo parnasiano representou a poética dominante, as manifestações literárias que fugiram a seu figurino foram julgadas inferiores. Essa atitude de desprezo prejudicou o Simbolismo e seu representante máximo no Brasil: Cruz e Sousa.

○ PATINHO BELO

Anderson Braga Horta

Todos conhecem a fábula do Patinho Feio. É muito bonita. Mas vou lhes contar uma ainda mais linda: a história do Patinho Belo.

Ocorreu que o seio da família Pato um dos patinhos começou a se diferenciar dos irmãos pela cor, pelo tamanho, pelos modos. Não sei se era mais claro ou mais escuro, mas isso não importava. Sei que era maior e mais forte, o que lhe dava uma natural liderança no grupo. Longe de ser discriminado, era querido de seus irmãos, que o seguiam com carinhosa admiração e se punham de bom grado sob seu comando seguro, mas fraterno. E ele fazia por onde. Ajudava Mamãe Pata a guiá-los pelos caminhos do terreiro, defendia-os de eventuais

ataques de algum bicho mais agressivo. Não se prevalecia excessivamente de seu tamanho na disputa por alimento. Os outros, sim, o bicavam atrevidamente, tiravam-lhe do bico o bom bocado sem a menor cerimônia. Só em casos extremos reagia, beliscando o cujo. O que provocava uma gritaria de protesto do próprio, como se estivesse este no seu pleno direito.

Quanto mais crescia, mais bonito ficava, e assim lhe puseram o apelido de Belo. Nunca teve a indiscrição de indagar da mãe sobre suas origens... Quanto a Papai Pato, não estava nem aí. Ignorou a pedra, ou melhor, o ovo de suposto escândalo, do mesmo modo como apenas relanceou o olhar, com altiva indiferença, sobre os *normais*. Verda-

de que, sem mais aquela, pespegava, vez que outra, umas bicadas no grandão, mas nunca passou disso.

E assim foram vivendo, descuidosos e felizes, até a maioridade, quando os patinhos, agora patos feitos, se tornaram independentes e passaram a se interessar por outros anseriformes do sexo oposto. Andavam pelo terreiro como pobres – se bem que felizes – pássaros pedestres. Alguns foram parar na panela, *hélas!*

Belo, porém, tornado em majestoso cisne, uniu-se a uma formosa cisna e foram morar no Lago, onde, entre grasnidos, arensadas e ronroneios de gato dengoso, passavam as tardes debicando-se de leve e declamando o soneto de Júlio Salusse.

Continuação da página 1

UBALDO, O IMORTAL DE BERMUDAS

Edmílson Caminha

Jovens estudantes, alguns se tornaram amigos fraternos por toda a vida, como Ubaldo e João Carlos Teixeira Gomes, nosso querido Joca, a quem devo o encontro com o romancista de *Sargento Getúlio*, que fora em 1982 a Fortaleza para receber um prêmio do Banco do Nordeste. No ano seguinte, o cearense Hermano Penna filmaria a história de abuso do poder e de injustiça social, com Lima Duarte em um desempenho que lhe valeria, trabalhasse em Hollywood, o Oscar de melhor ator.

Fosse pouco escrever a “epopeia trágica” cujo protagonista se põe, no conceito do crítico José Hildebrando Dacanal, entre as mais comoventes personagens da literatura brasileira, o autor lançaria, em 1984, o monumento que é *Viva o povo brasileiro*, romance capaz de fazer, sozinho, a grandeza de qualquer literatura. Joca fez chegar a Ubaldo meu artiguete sobre o livro, e mandou-me carta da ilha já orgulhosa do ficcionista que a exaltava:

“Como você vê, escrevo-lhe de Itaparica e precisamente da casa do nosso João Ubaldo, que ficou muito feliz com o seu excelente “Viva Ubaldo brasileiro”, um achado logo no título. (Vá perdendo os erros, escrevo estas maltraçadas sem óculos, mas não quis perder a glória de lhe enviar uma carta saída da própria máquina de onde nasceu Viva o povo brasileiro)... Ubaldo está aqui junto e manda abraços.”

Na praia de Mar Grande, João Carlos proroga a permanência “pra falar mal da Bahia com o implacável Ubaldo”. O ano é 1985, e, às vésperas da

posse de Sarney, faz renascer o jornalista que brilhou no *Jornal da Bahia*: “A ‘Nova República’ do velhíssimo Tancredo começa como uma dolorosa contrafação: Toninho Malvadeza ministro, ele que não conseguiu um ministério enquanto bajulou durante 20 anos o regime militar. Coisas do Brasil, o país mais sacana e surrealista do mundo. Uma vergonha.”

Comunica que já tem prontas as 500 laudas datilografadas do seu *Gregório de Matos, o Boca de Brasa*, mas ainda não foi a Salvador para levá-lo ao prelo: “Prefiro a paz destas praias e a intimidade destas solidões, longe dos chatos da Bahia, os chatos mais chatos do mundo”. E reclama divertidamente do colega: “Ubaldo diz-me besteiras a todos os instantes, não me permite a concentração tão necessária às ideias profundas e originais, de tal maneira que serei compelido a interromper tão importantes digressões...” Manda-me um abraço, assina “Joca” e como que passa a palavra ao amigo, que acrescenta: “Edmílson, não o conheço, mas já sei do” – e a frase se interrompe com a seguinte declaração, datilografada em vermelho:

“Nota do caluniado. Esta linha aí em cima ia sendo escrita pelo refinado lorpa e solerte safardana, esquecendo-se ele de que já nos conhecemos, embora brevemente. Ele ia escrever uma frase sentimentaloides para eu assinar e mentir para você, dizendo que eu a tinha escrito. Mais uma das aleivosias e dúbias manobras desse rapaz, que sem dúvida as aprendeu na convivência sempiterna com seu ídolo na Terra, o Dr. Antônio Carlos Maga-

lhães. Cabe-nos desmascarar tais raposices, denunciando-as destemidamente à consciência da Nação. Em tempo: em sua carta, ele fez questão de omitir qualquer referência a meus caládios, que estão re-bentando prematuramente este ano, constituindo-se em motivo de orgulho para mim e de desenfreada inveja da parte dele. Receba minhas saudações insulanas, um abraço honesto do João Ubaldo.”

Em 1989, Ana Maria e eu, com os compadres Ana Rosa e José Welington, fomos carinhosamente recebidos por João Carlos Teixeira Gomes em Itaparica. Ubaldo ausente – preparava-se, no Rio de Janeiro, para o ano que passaria em Berlim –, quem o representou foi o amigo e personagem Zé de Honorina, dono de um bar no Largo da Quitanda, que nos conta histórias do conterrâneo ilustre. Como a do papagaio a ele pertencente, que, ao descobrir um fio desencapado junto ao poleiro, viciou-se em choque elétrico. Na despedida, ganho um exemplar do *Viva o povo brasileiro*, com a determinação expressa do autor: “Nomeio José de Honorina meu bastante procurador para dedicar este livro, que já vai autografado.”

Esse, o João Ubaldo que nos deixou aos 73 anos: romancista admirável, contista dos melhores, excelente cronista, amigo fraterno, ser humano generoso. Partiu rumo ao céu com o fardão da Academia Brasileira de Letras, mas penso que preferiria estar sem camisa, de bermudas e sandálias, para continuar a viver como sempre gostou, agora nos itaparicanos latifúndios da eternidade.

A BAILARINA

Arlete Sylvia

Quase todas as meninas quando crianças e perguntadas o que querem ser no futuro logo respondem:

“QUERO SER BAILARINA.”

Realmente o belíssimo Ballet clássico é lindo. Assistir a um espetáculo nos transmite muita paz, pois a bailarina com sua leveza parece um pássaro voando, uma pluma, uma folha solta ao vento. Além do que não se limitam apenas a dançar, elas têm sempre que interpretar um personagem. Toda e qualquer apresentação de Ballet conta uma história, como:

COPPÉLIA

Composta por Léo Delibes e coreografia de Arthur Saint-Léon. A história foi escrita por Saint-Léon e Charles Nutter. Coppélia nasceu a partir de um conto de E.T.A. Hoffmann e estreou em 1870. É um conto de luz, arte e vida. É um Ballet de estilo camponês cômico e brilhante.

PETER PAN

É um Ballet maravilhoso para toda a família, que apesar de ser novo no mundo do Ballet é considerado um clássico.

Várias companhias de Ballet mundo afora já montaram suas versões da história.

A BELA ADORMECIDA

Baseado no conto de Charles Perrault, foi o primeiro Ballet musicado por Tchaikovsky. A música era

tão importante como a dança, uma união perfeita para o Ballet.

Celebrações em um Castelo, uma batalha do bem e do mal e a vitória do amor eterno. A coreografia foi criada por Marius Petipa que também coreografou o Quebra-Nozes e o Lago dos Cisnes.

QUEBRA-NOZES

Composto por Tchaikovsky em 1892. Este Ballet coreografado por Lev Ivanov, tem músicas conhecidas e é uma história de Natal que alegra crianças e adultos.

O LAGO DOS CISNES

Ballet dramático em 4 atos, também composto por Tchaikovsky. Coreografado por Marius Petipa e seu pupilo Lev Ivanov, é um dos mais conhecidos e populares. Por isso sempre será considerado como o padrão dos Ballets clássicos ao longo dos séculos.

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Um clássico de Shakespeare que serviu como base para o Ballet George Balanchine. Com música de Felix Mendelssohn, o Ballet sempre agrada todo o público.

CINDERELA

Existem várias versões de Cinderela, mas a referência principal é a de Sergei Prokofiev. Seu trabalho começou em 1940, porém por conta de outros compromissos durante a II Guerra Mundial, que o obrigaram a fazer uma pausa, ele só conseguiu concluir em 1945.

Cinderela é um lindo Ballet que merece toda a nossa admiração.

GISELLE

Sendo um dos mais importantes e populares Ballets, está entre os preferidos do mundo da dança. Com música de Adolphe Adam e coreografia de Jules Perrot e Jean Coralli, é um Ballet em 2 atos: o primeiro em estilo camponês e o segundo, um Ballet branco. É um ícone do romantismo no Ballet.

A bailarina tem treinos diários, muitos e muitos anos de dedicação e deve ter disciplina 24 horas por dia. Os ensaios e repetição de passos visam alcançar a perfeição. Dieta alimentar para manter o peso e a força adequados e ainda estudar a história, metodologias e os grandes ícones do Ballet para representar seus personagens.

E as lindas sapatilhas de ponta, exigem muito treino com sapatilhas de meia ponta inicialmente, para adquirir força suficiente para usá-las. A dedicação às aulas de ponta podem trazer segurança e transformar uma menina em uma verdadeira Bailarina.

Mesmo com toda aquela beleza nos palcos, ninguém imagina como sofrem os pés da bailarina. No entanto, isso não impede que ela transmita toda a sua emoção. Ela tem que se manter linda, dentro do seu personagem, para emocionar o público.

A bailarina é feliz em sentir seu sonho realizado, isso é o que importa.

Muitas vezes mães, pais, irmãos, avós e amigos chegam às lágrimas e oram para que aqueles momentos inesquecíveis se perpetuem para sempre.

PARIS É UMA FESTA

Fabio de Sousa Coutinho

O livro é a crônica apaixonada e reverencial dos anos que o fenomenal homem de letras passou em Paris, de 1921 a 1926. Trata-se de memórias de diversos (e fascinantes) lugares e ambientes da Cidade Luz e, também, do convívio privilegiado com outros luminares expatriados na capital francesa naquele período, tais como F. Scott Fitzgerald e Gertrude Stein. Com elegância de mestre precocemente consumado, Hemingway traça um suave perfil de sua primeira mulher, Hadley, e compartilha lembranças dos tempos augurais às voltas com o ofício em que se tornaria, em prazo relativamente curto, um artífice poucas vezes superado.

Autêntica celebração intelectual, o livro traduz, com brilho invulgar, o exuberante clima cultural de Paris, logo em seguida ao fim da I Grande Guerra, e o espírito jovem, a forte criatividade e o entusiasmo irreprimível que o

próprio Hemingway personificava de maneira arrebatadora.

Ernest Hemingway fez mais para mudar o estilo da prosa em língua inglesa do que qualquer outro escritor no século XX, e isso se traduziu na justíssima concessão do Prêmio Nobel de Literatura, que a Academia Sueca lhe outorgou, em 1954.

Seus livros *The Sun Also Rises* (*O sol também se levanta*) e *A Farewell to Arms* (*Adeus às armas*) colocam o artesanato textual de Hemingway como dos mais prodigiosos levados a cabo na arte da ficção, em qualquer época. Como integrante da comunidade de expatriados na Paris da década de 1920, o antigo jornalista e motorista de ambulância iniciou uma carreira de literato com dedicação exclusiva, que o levou a uma projeção sem limites e sem retorno. Aficionado por touradas e caçadas, Hemingway admirava a coragem e a en-

trega incondicional dos praticantes desses esportes, que não raro sofriam castigos físicos e psicológicos de graves e dolorosas proporções.

Como repórter, Ernest Hemingway cobriu a Guerra Civil espanhola (1936-1939), retratando-a no romance *For Whom the Bell Tolls* (*Por quem os sinos dobram*) e, também, a II Guerra Mundial (1939-1945). Por sua clássica novela *The Old Man and the Sea* (*O velho e o mar*), foi agraciado com o Prêmio Pulitzer de 1953.

Nascido em Oak Park, Illinois, em 21 de julho de 1899, Hemingway faleceu em Ketchum, Idaho, onde possuía um rancho, alguns dias antes de completar 62 anos de idade. Trágica e violentamente, deu fim à própria vida, que, então, já não lhe era mais uma festa. Deixou milhões de leitores de várias gerações, em todos os cantos da Terra, de Keywest a Madrid, de Havana à amada Paris de sua culta e festejada juventude.

O ESCRITOR EM SEU LABIRINTO

Paulo Castelo Branco

Gabo ainda estava com a roupa que usara no dia do seu último aniversário: blazer cinza escuro, camisa social azul com uma rosa amarela na lapela. Está rejuvenescido. Sorri o sorriso com que se apresentou em 1982 para receber o Nobel de Literatura.

Quando chegou no checkpoint, ficou assustado com o aparato militar que cercava o local. Achou que estava cruzando alguma fronteira palestina em direção a Israel. Percebeu que estava entre o céu e o inferno, mas que deveria seguir em frente. Não foi barrado por ninguém.

No final do corredor deparou-se com um ambiente em tom cinza. Havia uma multidão sentada nas cadeiras perfiladas até o infinito, como se fosse uma repartição do INSS, que atende aposentados. Caminhou em direção às últimas fileiras. Sentou-se e tentou perguntar ao ocupante da cadeira ao lado que lugar era aquele. Fez a pergunta, mas não ouviu suas próprias palavras. O espectro ficou impassível. O silêncio era absoluto, mas a fila andava. A cada instante precisava se levantar e ocupar a cadeira seguinte. Não havia guichê ou monitores de televisão anunciando, com um plin, o interessado da vez. A pessoa se dirigia para além da primeira fila e, num piscar de olhos, desaparecia como se tivesse caído em um precipício ou subido aos céus.

Apesar da rapidez no atendimento, a monotonia fez com que Gabo tirasse do bolso do paletó o livro “1964 – O Julgamento de Deus”, do seu colega e seguidor José Nivaldo Junior, da editora Bagaço. Recebera o livro poucos dias antes de passar daquela para melhor. O discípulo, Zé Nivaldo, seguia também a sua orientação e escrevia dedicatórias com atenção e detalhes que alegravam o leitor; estava escrito: “Ao caro amigo Gabo que pensa e escreve os mistérios do mundo fantástico e sobrenatural. Um abraço Zé Nivaldo.”

Nas frases da primeira página percebeu que se tratava de um romance diferente sobre as muitas ditaduras que conheceu. Zé Nivaldo relatava a sua sina com bom humor e destreza, colocando em letras os horrores dos tempos de cólera e violência que imperaram no Brasil em época, felizmente, distante.

Mesmo não existindo a noção do tempo, Gabo chegou ao fim da fila e ao final do texto. Agora estava ali, aguardando a sua vez de entrar realmente na história e viver a experiência de não mais viver.

Ergueu-se lentamente e foi em direção ao infinito. Sentiu o corpo, ou a alma, descendo e subindo como se fosse umas daquelas pipas coloridas que empinava em sua infância. Quando a pipa descia, sentia um forte calor. No nível em que estava anteriormente, não sentia nada. Para o alto, uma temperatura amena e agradável. Parecia que estava sendo avaliado por algum sistema computadorizado como aqueles por onde passara ao longo de mais de dez anos; a diferença é não haver luzes ou zumbidos. Era só calor, nada ou um friozinho.

Achou que passou dias ali naquele vai-e-vem. Gostou da incerteza que o afligia. Era como se estivesse conversando com o seu amigo ditador Fidel; com ele, sentia uma sensação estranha de que tudo iria se acabar em segundos ou permanecer por séculos. Já havia escrito coisas fantásticas sobre acontecimentos inexplicáveis que infestavam a Terra, afetando a vida de milhões de pessoas. Eram atos de déspotas que humilhavam o seu próprio povo e estendiam os seus tentáculos em direção a outras nações incapazes de reagirem à violência, à fome, à força e à morte anunciada.

Ficou no limbo, sentindo calor, frio e nada. Em nenhum instante percebeu a presença de alma viva com quem pudesse dialogar. Queria saber se ali era o céu, o purgatório ou o inferno. Não havia nenhuma indicação. Só incerteza.

Pensava sem se lembrar das muitas histórias que criara sem nunca imaginar que um dia pudesse estar naquele lugar surreal. A rosa amarela começava a murchar como se fosse ele mesmo no leito da morte.

Sentiu um toque leve em seu ombro e foi direcionado, levitando para o espaço ainda branco, mas já mostrando um verde esmaecido como se fosse um campo orvalhado e perfumado. A temperatura se estabilizou como se estivesse na primeira classe de avião.

Caminhou sobre nuvens até que ouviu uma voz; era Manuel Bandeira que, em nome de São Pedro, lhe disse: “Gabriel escritor, Gabriel bom, Gabriel sempre de bom humor. Entra, Gabriel, você não precisa pedir licença!”

A MINHA PRIMEIRA DEMANDA

Erasto Villa-Verde de Carvalho

Assim que terminei o curso de direito, em Goiânia, em outubro de 1959, inscrevi-me na OAB, recebi a carteira profissional, mandei a família para casa do sogro, no Rio de Janeiro, e fui para Jataí, Sudoeste de Goiás, a fim de dar início às atividades profissionais.

Levei u'a máquina portátil de datilografia, botei na mala um *vade mecum*, alguns livros jurídicos, algumas revistas de jurisprudência, tomei o ônibus, e, na cidade, hospedei-me na casa da prima Celina.

No dia seguinte, levantei bem cedo e saí pela rua, vistoriando a cidade, para saber o que fazer e como me instalar nas pretendidas atividades: tenso, tímido e receoso, de paletó e gravata, pensando a vida, fui reconhecido por alguém que me chamou, perguntando:

– Você num é o fie do Reduzino, que formou pra adevogado em Goiânia?

– Sim. Sou eu mesmo.

– Rapais. Tem unha pessoa aqui, que tá doidinha atrais dum adevogado, e não sabe o que fazê, por causa que os daqui não tem corage de defendê ela... É a BAIANA...

– A Baiana, aquela dona do cabaré?

– Sim, é ela...: o Dr. Geda, o Dr. Rubens e o Dr. Júlio Cunha num pega a causa, porque eles é casado e as muié deles pode discubri. O Dr. Galeno, ela num gosta muito dele. O Dr. Luziano, é muito putero, tá sempre pur lá, mais ele num pode advogá, por causa que é o prefeito. Num tem ôto...

– Mais o que é que a BAIANA fez? – perguntei.

O Delegado deu dez dia prela fechá o cabaré. Se num fechá, vai presa... O Sr. Tem coragem de pegá a causa?...

– Claro... – Apesar de me situar na mesma condição dos colegas, casado, correndo o risco de ser flagrado pela esposa, defendendo puta, não poderia me recusar a patrocinar uma causa assim, carente como estava de dinheiro, com o bolso completamente vazio.

O conterrâneo tomou a iniciativa: dirigimo-nos a um bar ali perto; ele ligou para a Baiana, e combinamos de nos encontrar no Edifício do Foro.

Assim aconteceu: meia hora depois, estava eu atendendo a Baiana na sala dos advogados no Foro da cidade.

Esclareceu que foi notificada pelo Delegado, um Tenente da Polícia, que deveria fechar o cabaré, e o prazo concedido estava correndo, e ela não sabia como resistir à ordem recebida.

A Casa da Baiana era moderna. Tinha sido instalada cerca de um ou dois anos antes, concorrendo com os *puteiros* tradicionais da cidade, na Praça da Cadeia, da Manquinha e outros mais.

A nova Casa continha salão amplo, encerado, com local para os músicos, microfones, mesas bem postas ao redor do espaço para dança. Coisa fina de se ver. Os quartos das mulheres eram bem arrumados. Até banheiro tinham. As mulheres vindas de Goiânia, de Minas e de São Paulo, todas bonitas, faziam grande sucesso. Era freqüentada pela classe média e pela elite da cidade. Solteiros e casados. À noite, com música ao vivo, ou de possante vitrola, proporcionava os prazeres, regados com batidas, pingas, cerveja, campari, cinzano e guaraná. As mulheres cobravam dos fregueses doses de bebidas, dançavam os boleros, mazurcas, tangos, sambas e marchas, e depois –, para as intimidades nos quartos.

A Polícia, nos ambientes tradicionais, gozava de prerrogativas em todos os sentidos: bebidas de graça, preferência com as damas, local de descanso, atenção especial. Se não...

A Baiana cismou de modificar o sistema: passou a cobrar do Tenente e demais policiais as bebidas, e aquele tradicional prestígio que a categoria desfrutava, com as damas, foi sacrificado. Daí, a reação... Fecha a casa... Isso é casa de prostituição e prostituição é crime. Logo, direito não tem a Baiana de manter o negócio.

O assunto era debatido de boca em boca. Todo o mundo achava injusta a medida, mas ninguém tinha coragem de reagir, em defesa da Baiana. Era perigoso defender a putaria. A honra do defensor poderia ficar comprometida.

Combinei os honorários. Respeitável quantia. Recebi a metade no ato. Preparei a procuração. A notícia correu de boca em boca. Esse novo advogado, recém-chegado em Jataí, teria sido buscado em Goiânia, especialmente,

para defender a Baiana. Era o Prefeito que tinha mandado buscar o causídico. Era, não era... a notícia espalhou, e o meu nome foi assim divulgado pela cidade, como advogado da puta. Passei a estudar a causa.

Primeiramente, o tipo de ação: *habeas-corpus* ou mandado de segurança!

Tratava-se, realmente, de uma casa de prostituição. Mas, tantas casas iguais em funcionamento, lá e em todos os lugares... O art. 229 do Código Penal, que ainda vigora, não obstante, assim dispõe:

“Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiro, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou agente. Pena – reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.”

Mas, no Brasil, em todas as cidades, grandes e pequenas, as vilas, sempre e sempre foram dotadas com as principais obras: igreja e zona do metrício. Essa profissão, consta dos anais, é a mais antiga de todas... Não há cidade sem igreja, e sem puteiro.

Sempre e sempre foi assim. E a Polícia é freguesa em todas... E agora...

Como defender a Baiana... Meu Deus do Céu. Pesquisei e localizei o seguinte acórdão do Tribunal de Justiça de São Paulo, publicado na Revista Forense 163/366, de 1956:

“CASA DE PROSTITUIÇÃO – Não caracteriza o crime de manutenção de casa de prostituição a pensão que tem apenas como hóspedes mulheres decaídas ou prostitutas.”

Era o caso... Não se tratava de prostíbulo... Era uma pensão, e de nível elevado: tinha alvará de funcionamento da Prefeitura, e tudo o mais. Logo, não dispunha o Delegado de poder para determinar o fechamento do estabelecimento.

A hipótese era de mandado de segurança. Pesquisei nos livros o modelo de uma petição do gênero, preparei a inicial com emoção e entusiasmo, invoquei a jurisprudência. Protocolei a petição.

Se o Juiz era ou não era freguês não importa, e não sei, o certo é que a liminar por mim requerida foi deferida. E a ordem para fechar a Baiana foi contida.

Recebi a diferença dos honorários. Fiquei orgulhoso, e o meu nome foi divulgado por toda a comunidade. Só não pude comemorar o feito de medo da mulher descobrir quem era a primeira cliente...

Soneto de Alegria

Anderson Braga Horta

Para você, Célia

Para pintar o nosso amor, amiga,
prescindirei do instrumental moderno.
Que um quadro assim, de um tema assim, eterno,
fica melhor numa moldura antiga.

Vamos cantando juntos a cantiga
dos pássaros no céu. Que importa o inverno?
Fica tão longe... e é primavera. Terno
é o conchego do lar que nos abriga.

O amor é para nós um sol queimando,
um sol benigno, que, se cresta espinhos,
vai no teu ventre um fruto sazoadando.

Existe o inverno?... É primavera! E vamos
inventando ternura nos caminhos
e colhendo a alegria que há nos ramos.

CARTA A PROPÓSITO DE UMA CRÔNICA

João Carlos Taveira

Claude Debussy, por sua vez, encantado com a preciosa joia, resolve musicá-la e nos lega o belíssimo poema sinfônico *Prélude à l'après-midi d'un faune*, que virou paixão auditiva de muita gente. Era inclusive a peça favorita de Herbert von Karajan nas suas temporadas com a Orquestra Filarmônica de Berlim. Mas essa é outra lenda!

E assim a poesia de Mallarmé e a música de Debussy acabaram inspirando um balé com o mesmo título. Mas, em 1912, a criação de Vaslav Nijinski foi muito revolucionária para a época por sua sensualidade explícita e exagerada. Por isso, ficou proibida por algum tempo. Hoje, felizmente, é peça corriqueira nos teatros do mundo inteiro e possui milhares de gravações espalhadas pelos quatro cantos da Terra.

Nilto, depois dessa introdução talvez desnecessária, quero lhe dizer duas coisas importantes. A leitura da sua crônica-ficção em homenagem a Ronaldo Werneck trouxe-me, entre outros sentimentos, a satisfação de ver que o poeta e cronista mineiro está em muito boa companhia: Lina Peixoto e Ronaldo Cagiano, ambos também de Cataguases e amigos fraternos nascidos na mesma região que eu, que aterrissei no planeta Terra em plena

Caratinga, bem ao lado de Carangola — terra do nosso poeta Anderson Braga Horta.

A outra coisa é com relação à beleza do seu texto. Que maravilha! Cada dia dá gosto ler e reler o que você escreve. A precisão da linguagem e o erudito manuseio da sintaxe me lembram o escritor egípcio Nagib Mahfuz, que sabe os mais sutis segredos das técnicas de narrativa tanto quanto outros bons ficcionistas. Confesso que sua Verônica me lembrou por um momento certa pessoa, mas, graças aos deuses gregos e egípcios, a lembrança infeliz desfez-se no ar como a fumaça do meu cigarro.

Meus parabéns aos dois, você e Ronaldo, pela interação espírito-textual que deságua nessas linhas lindamente construídas. Como diria Márcio Catunda, aliás, outro homenageado por você dias atrás, somos na verdade os “herdeiros do amanhecer”, meio perdidos, meio achados, na grande floresta do mundo, como aquele fauno cansado e triste de Mallarmé, de Debussy e, agora, de Nilto Maciel — o feiticeiro que jamais será devorado pelo próprio feitiço. Fraternalmente, João Carlos Taveira (Brasília, 31 de agosto de 2011).

COMPAIXÃO

Terezy Fleuri de Godoi

Como pode uma palavra, “*compaixão*”, tocar tão profundamente a nossa alma?

“*Halum luminum*”, compaixão de Deus – esta palavra, pouco usada no vocabulário corriqueiro, tem um significado que ultrapassa nosso entendimento. Significa bondade, renúncia em favor dos outros, generosidade.

Num estilo de vida que o materialismo impõe a muitos, ela é substituída, sem pudor, pela palavra “poder” (ter – e não, ser), da qual surgem o egoísmo, o orgulho, a vaidade.

Interessante observar que os grandes santos vieram de famílias abastadas.

Abandonaram todo o esplendor que o dinheiro proporciona, para abraçar os menos favorecidos pela sorte, os humildes, filhos da necessidade e da carência material e, tantas vezes, espiritual.

Como representante máximo da compaixão, citamos São Pedro Nolasco, cuja festa litúrgica é comemorada no dia 6 de maio.

Padroeiro dos cativos (cristãos cativos de guerra nos reinos árabes da Península e do norte da África), São Pedro nasceu na França, entre os anos 1180 e 1182, e faleceu no dia 6 de maio de 1256, tendo sido canonizado pelo papa Urbano VIII.

A palavra compaixão é forte, é poderosa!

Agir com paixão! No trabalho, no dia a dia, no amor dos pais, filial, conjugal, fraternal, nas ações do cotidiano.

Temos que fazer algo?

Com paixão as piores tarefas tornam-se leves, gratificantes.

A sensibilidade aflorada é o jato de luz que nos conduz a um posicionamento cristão.

Com paixão!

ARIANO SUASSUNA NA VISÃO DE ADIRSON VASCONCELOS

O Brasil reverencia a vida e a obra de Ariano Suassuna.

Depois de 87 anos de inestimáveis serviços à cultura brasileira, é convocado, em 2014, no dia 23 de julho, para uma aula-espetáculo nos páramos celestiais.

Paraibano radicado no Recife, Ariano é o autor do *Auto da Compadecida*, de projeção internacional, seja pelas traduções pelo mundo afora seja pelas imagens da televisão ou do cinema.

Membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a Cadeira 32, a partir de 1990, sendo recebido pelo também nordestino Marcos Vinícios Vilaça.

O presidente da Casa de Machado de Assis, escritor Geraldo Holanda Cavalcanti, logo ao rece-

ber a notícia, expressou palavras de solidariedade à família, aos membros da ABL e à multidão de amigos e admiradores do consagrado dramaturgo, destacando e valorizando o significado do trabalho de Ariano no resgate da cultura sertaneja e nordestina, através de obras imorredouras.

O crítico Sábado Magaldi considerou o *Auto da Compadecida* “o texto mais popular do moderno teatro brasileiro”. Autor, também, de *A Pedra do Reino*, *A Farsa da Boa Preguiça*, *Torturas do Coração*. Da *Compadecida*, ninguém esquece o João Grilo e Xicó! Deu mais um título a Nossa Senhora, a *Compadecida*. Em 2014, estava escrevendo *O Juízo Sedutor*.

Para Ariano Suassuna, “a vida é uma coisa bonita; um espetáculo bonito”. Conhecemo-nos,

na década de 1950, apresentados pelo jornalista Antonio Camelo e pelo poeta Mauro Mota, na porta do centenário *Diário de Pernambuco*. Tinha paixão pelas coisas do Brasil, pelo povo brasileiro. Sempre de bom humor. Vivia a simplicidade de um homem sertanejo. Sua esposa, dona Zélia, foi sua fonte de inspiração, de incentivo e de disciplina, principalmente. Em tudo o que fazia, colocava entusiasmo, paixão. Amigo, principalmente dos jovens, que eram seus discípulos. Um retrato de Ariano é bem feito no documentário *O Sertão, o Mundo de Ariano Suassuna*, do cineasta Douglas Machado, apoiado pela ABL.

Deixa uma obra. É o seu legado a esta e outras gerações. Já está na História. Ariano Suassuna é imortal!

A CHAVE DE VIDRO

Nilza Diniz Silva*

Alice Spindola em “A Chave de Vidro”, livro de contos, trabalhou inicialmente com sua inteligência, cuja função é conhecer. Construiu um livro de contos com o fantástico, o mistério, o absurdo, o enigma, o mito, enovelando mistérios na trama da construção imaginativa, sem se esquecer da verossimilhança que deve existir em cada conto.

Sua meta se prende a encontrar o “Exímio Domínio da Palavra”, da mesma forma que “Ariadne em busca da luz com o fio da salvação”. Ela conseguiu seu intento e o livro aí está.

1º conto: ENIGMA NO VIDRO – Vidro tampado inicia o mistério. Três mosquitinhos vivos dentro do vidro. De noite, vidro vazio; de manhã os mosquitos vivos dentro do vidro. Imaginação? Curiosidade para decifrar o mistério. O vidro na Farmácia de Joanico. Enigma. Forças estranhas agindo e favorecendo o mistério. A autora conduziu muito bem a história. Frases curtas para contar os acontecimentos sucessivos. Mortes inexplicáveis de Zulmira e Joanico. É o mistério se apossando do conto, tornando inexplicável o desaparecimento de objetos da farmácia. Um vento forte se encarrega de pôr fim ao mistério, encerrando o conto.

2º conto: FRONTEIRAS DE NINGUÉM – É o fantástico surrealista dominando a existência de três companheiros. Estudavam sempre juntos Alex, Leonel e o eu narrador. Um deles, Leonel, desaparece. Os dois amigos tentam reencontrá-lo, mas não se sabe como, Alex começa a despertar em si traços de Leonel, de quem sofre maior influência, mas Leonel não aparece. Não há notícias sobre ele. Nada.

3º conto: O RARO ESPÉCIME – Um homem com olhos de radar e poder eletromagnético de paralisar as pessoas traz medo e controvérsias aos habitantes do lugar. Ninguém sabe de onde ele veio, seus olhos tornam-se fantasticamente azuis, de uma tonalidade viva. Uma cruz de ouro incrustada no centro da palma da mão direita leva os habitantes do lugar a fazer mil conjecturas a seu respeito. Reina um clima de pânico entre os moradores. Ali se instala o medo. E as suposições aparecem. Será um ser de outro planeta, de outros mundos? O medo gera o fantástico, logo mil conjecturas aparecem.

4º conto: A ORELHA – É o fantástico sobrepondo-se aos desejos do eu narrador, que se espanta com o tamanho da orelha de um senhor. É uma prótese que se solta e acompanha os olhos de quem lhe presta atenção. Começa a piscar, aumenta de tamanho, agiganta-se ou diminui, dá cambalhotas. Depois se robotiza, espicha e encolhe. Medo da orelha e suas metamorfoses. O medo se instala. No elevador a orelha se transforma no número 9 (“os números acobertam uma força desconhecida” segundo René Allendy). O número 9 aparece como o número completo da análise total. É o símbolo da multiplicidade retornando à unidade (Chevalier, J e Gherbrant).

5º conto: A CHAVE DE VIDRO – Lembranças do passado – Poético. Imagens. Infância feliz leva a autora a criar imagens. Relembra Rosa, a babá, relembra os pais. O Rio, o sobrado branco. Magia-Mito, encantamento, rito pululam no conto, trazendo a sedução do desconhecido.

6º conto: ESTRADA SEM LADOS – O conto nos mostra grandes lances. Suspense – Imaginação fantástica. Um caixão é roubado antes do enterro. Suspense até o final. Há uma suspeita: Ana Luiza. Ela é calculista, fria, ágil no gatilho. Ana Luiza é esposa de Aníbal e amante de Manos. Marina, casada com Miller, é ferina e vingativa. Ana Luiza saca de uma arma, mira um por um e atira no marido. Há uma cilada armada para a polícia, mas nada é resolvido. Uma visão de velas acesas confunde o delegado sem que a polícia descubra alguma coisa. O mistério se avoluma. E Ana Luiza entra em cena.

7º conto: POR DETRÁS DO VIDRO – Os moradores de pequena cidade são olhados e analisados por vizinhos que se comprazem em classificá-los.

8º conto: MANEQUINS VIRTUAIS – O absurdo domina por inteiro promovendo a existência do mundo virtual.

9º conto: MARIALVA – Fantástico e absurdo. A narrativa poética prende nossa atenção, bem como as imagens criadas em tom poético e nos leva a acompanhar a visão de Marialva: um anjo sorrindo para ela. Marialva, quando criança, passeava com o avô para ouvi-lo contar o que sabia de fantástico e misterioso. Na sua inocência dizia: não sou mais eu mesma?! João, o que você fez de mim? Em sua simplicidade ela sofre abuso do próprio irmão, mas exerce fascínio sobre João. O desfecho do conto cresce com o desespero de Marialva pelo filho que lhe tomaram. “Eu ouvi o médico dizer ‘que belo macho’. Eu vi o meu filho olhar para mim. Quero o meu filho, ele é meu”. Nem o silêncio foi capaz de responder.

10º conto: VELAS ACESAS – Modificação na narrativa. A autora utiliza a memória para descrever os temores da família que se instalara em Goiás. Rememora as chuvas de Minas Gerais, contrapondo com as acontecidas em Goiás.

11º conto: RESMUNGOS DO MUNDO – Ficção científica e fantasmagoria dominam o conto. Três primos resolvem fugir da rotina e vão atrás de novidades, modificando sua maneira de agir, com a intenção de sentir o ritmo da vida.

12º conto: SERPENTINA DE NEON – Fragmentos, lembranças, experiências, textos: quando estes se organizam, desencadeia-se o trabalho da imaginação para o autor que é o fundador do universo imaginário. Nesse conto, a voz narradora é feita na 1.ª pessoa. Após noite de estreia, cuja representação mereceu incontidos aplausos, começa a fantasia. Em casa ao ligar o interruptor para acender a luz, esta acende e apaga rapidamente. O mesmo acontece várias vezes, trazendo-lhe medo. De repente, uma cintilante silhueta de gelatina, transparente, com o formato de um ser humano faz aumentar o medo. Ela se apavora. E o medo gera o fantástico que se instala durante estranhos acontecimentos. Silêncio que fala. Depois de uma noite de pavor, arabescos de neon confundem o céu.

13º conto: NOS MISTÉRIOS DA NOITE – Beleza cósmica – A grande noite envolve a Terra, com seus segredos o dia encerra. Imagem sentida e imaginada. Realidade e fantasia. Fantasmas. Figura de Diógenes e sua lanterna (procurando a verdade, mitologia). Diógenes (fantasma) com sua sanfona, querendo dançar.

Final

Contos vestidos de fantasia e realidade, onde absurdo e fantástico deslizam ao sabor da pena criadora, com imagens imaginadas e sentidas. Alice Spindola soube criar mundos diferentes em cada conto que sua inteligência concebeu. Frases curtas dão sentido a cada parágrafo.

Parabéns, Alice.

Mãos

Romeu Jobim

Mãos que trabalham,
mãos calosas,
que lavram os campos
e abastecem os celeiros...

Mãos que curam,
que cortam e recortam,
recompondo os corpos
e a vida,
em delicadas intervenções
cirúrgicas...

Mãos firmes, possantes,
que levantam, carregam
e empilham,
mãos construtoras...

Mãos que escrevem,
desenham e pintam,
perpetuando
as criações do espírito...

Mãos que esculpem,
transformando a matéria bruta
em utensílios, bens,
artesanato e arte...

Mãos que acariciam
e amparam,
que se dão,
nas diferentes
linguagens do amor...

Mãos que se levantam,
destemidas,
apontando os caminhos...

Mãos em prece,
mãos finas, belas, delicadas,
gestuais
e que à mulher emprestam
o voo dos pássaros...

Mãos amigas,
benditas mãos!

Mãos que matam,
que se crispam,
brutais,
e que apenas sabem
ferir e destruir,
mãos assassinas...

Mãos inimigas,
malditas mãos!

* Escritora, crítica literária, presidente da Academia de Letras de Morrinhos.

DENTRO DA TEMPESTADE

Daniel Barros

Fizera um calor causticante durante todo o dia. Ivan passara a tarde com João Carlos, seu editor, finalizando os detalhes de publicação do seu sétimo romance. Mas antes de voltar para seu sítio localizado na área rural, a cerca de 37km da cidade, parou para beber um “uisquezinho”, aliviar o calor e comemorar o “imprima-se”.

O barzinho escolhido ficava na saída da cidade, próximo a uma represa. Parou o carro no estacionamento em frente e abaixo do letreiro *neon* com o nome do bar, em que à noite fluoresciam luzes vermelhas e alaranjadas: *Fogo sobre Fogo*. O sol já se punha no horizonte e a noite surgia rápido. Entrou, cumprimentou o garçom e sentou-se em sua mesa de costume, no canto esquerdo, de frente para o longo balcão de madeira onde o *barman* preparava os *drinks* flamejantes do *Fogo sobre Fogo*. À sua direita havia uma grande janela de vidro e madeira, bem abaixo do letreiro de *neon*, que, com o cair da noite, já piscava iluminando intermitentemente o carro de Ivan.

Não tardou e seu amigo editor parou o carro ao lado do dele. Antes de descer, acendeu a luz interna do veículo, retirou um pequeno pente do bolso e penteou seus finos e lisos cabelos. Já dentro, próximo da entrada do bar, João Carlos acenou para Ivan, falou algo para Amauri, o garçom, e caminhou para a mesa. Amauri trouxe mais um copo de uísque para João Carlos e dois charutos.

Já era noite, que, em contraste com o dia claro e quente, chegara negra e fria. Inesperadamente um vento forte e constante trazia nuvens pesadas, anunciando forte tempestade. Outro carro se aproxima. Com a luz tênue do ambiente, os faróis encandeiam os dois amigos que, imediatamente, olham para fora. Desce uma mulher. Ivan se esforça para tentar reconhecê-la. Ela segura a saia que baila ao vento e tenta também conter seus longos cabelos negros que ao vento parecem guiá-la ao bar. Ela entra e ligeiro fecha a porta. Súbito surge um clarão, daqueles que precedem um forte trovão. A luz penetra por todas as aberturas mostrando por inteiro tão deslumbrante beleza feminina. Tinha a tez alva como flocos de neve. Olhos negros e pequenos, lábios carnudos que pareciam ter sido esculpidos pelo próprio criador. Os seios médios quase à mostra num decote marcante e sensual. Olhou para eles e sorriu educadamente. E seguiu para o balcão do bar. Seus pés caminhavam como se um quisesse ocupar o lugar que o outro acabara de pisar. Sentou no banco alto e cruzou as pernas. Suas panturrilhas e coxas bem torneadas faziam até morto ressuscitar. Ivan indaga quem seria aquela deusa! João Carlos responde que se tratava da esposa do novo delegado, Guilherme, todo metido a bonzinho, mas dizem que é o maior safado. Mal chegou e já colou com a banda podre da delegacia. Dizem que está mandando embora todos os policiais honestos.

Continuaram a contemplar a moça. O efeito do J&B já começara a proporcionar coragem e atrevimento. “O que faz esse delegado ignóbil para deixar essa linda mulher a esperá-lo”, pensou Ivan. E levantou... João Carlos o advertiu para não fazer besteira.

Debruçou-se com os dois cotovelos no balcão bem ao lado dela. Pediu ao *barman* que colocasse para tocar Djavan. O atrevido Ivan convidou a moça para dançar. — Você é muito ousado – disse Renata. A réplica foi imediata: *Por medo de ousar perdemos coisas...* e ela continuou... *que jamais seremos capazes de recuperar, adoro Shakespeare*. Nesse momento Ivan lhe pegou a mão. — Não! – disse ela – *Vou sair pelos fundos e te espero no meu carro*. Ivan caminhou para a janela da frente do bar, enquanto ela contornava pelos fundos, fingia ir ao banheiro. Viu quando ela sentou no banco de trás do carro. Ele olhou para João Carlos, que expressou uma recomendação de cuidado. Ivan abriu a porta e correu para o carro dela. Parou diante da porta que se abriu, chovia, mas ele não entrou de imediato. Um raio explode por trás de Ivan e ele pôde ver que Renata estava completamente nua. Ele entrou e ela já foi abrindo sua calça. Precisava ser rápido, explicou Renata, o marido chegaria a qualquer momento. Ivan a penetrou com tesão e fúria. — *Vai... vai... mete em mim!* – dizia Renata ensandecida.

Um farol iluminou o bar. Levantou a cabeça para verificar: era seu marido, mas ela não permitiu que ele parasse. Ao contrário, pediu que continuasse mais rápido... Ivan explodiu de excitação. Renata o orientou a ficar no carro. Ela sairia primeiro e voltaria pela entrada dos fundos. E ele, depois, pela porta da frente. Na volta ela podia sentir o líquido quente escorrer por suas coxas.

João Carlos viu quando ela voltou, beijou o marido e sentou ao lado dele no balcão. O casal conversou algo, e sem mesmo beber nada o marido pagou a conta da esposa e saíram. Ivan voltava, quando deu de cara com o casal na saída. Ela o cumprimentou com um *boa noite* e saiu com o marido.

Beberam até finalizar a garrafa do J&B e se foram. João Carlos primeiro, depois Ivan.

Chegou a casa com dificuldades. Trovões espocavam e raios caíam a cada instante. A chuva se transformara numa grande tempestade. Ivan entrou em casa tirando a roupa, e foi direto para o banho. O escritor morava em um bangalô de madeira escuro, cujas janelas de vidro deixavam passar os clarões dos raios, cada vez

mais fortes. Depois do banho, enquanto pegava uma garrafa de uísque, sentiu algo frio tocar-lhe o ombro. Virou-se rápido e não viu nada. Outro raio, e de rabo de olho viu um vulto na porta da cozinha, e nesse último raio a energia acabou. Apanhou a calça que havia largado no chão ao entrar, foi aos bolsos em busca dos fósforos, mas estavam ensoados. Outro relâmpago e viu novamente algo... agora o vulto entrara na cozinha. O medo o impedia de seguir, mas precisava tomar uma atitude, as velas e os fósforos estavam lá. Pensou em buscar sua arma no quarto. “Que nada!”, pensou: “Devem ser sobras da tempestade”.

Enquanto pegava as velas, ouviu batidas na porta da sala, batidas insistentes. Com a vela na mão foi verificar. Levantou a cortina que cobria o vitral da porta para verificar quem poderia ser àquela hora... o vento apagou a vela e ele não viu ninguém... Tentou acendê-la de novo, mas a caixa de fósforos caiu no chão. Enquanto tateava em busca dos malditos fósforos... toc... toc... na porta. Ivan foi às cortinas, mais um relampejar... e nada... a porta... toc... toc... “Que coisa é essa?”, pensou: “Deixa de ser frouxo e abre logo esta porta”. Pegou uma bengala que ficava ao lado, e abriu... outro clarão!

Era Renata! Estava encharcada e tinha um pequeno corte no supercílio. Ela entrou rapidamente e ele a levou ao banheiro, enquanto limpava o ferimento. Ela então explicou que sofreu um pequeno acidente ali perto, e que seu carro ficara preso no barranco. Ele a colocou próximo ao balcão da pia, mas ela preferiu sentar no vaso sanitário enquanto ele limpava o sangue de seu rosto. Quando ele terminou e ergueu-se para colocar o kit de primeiros socorros no balcão, Renata o segurou pela cintura, baixando seu *short*... o excitava com seu lábios carnudos. Suas mãos estavam frias e ele percebeu que ela precisava de um banho quente. Renata entrou no banho enquanto ele pegava toalhas secas. De costas para o box, sentiu a mão fria em seu ombro... — *Volta para o chuveiro* – disse ele. E voltando-se para ela... susto! Não havia ninguém. Olhou o box e percebeu o chuveiro ligado, mas não a via. Estava tudo embaçado pelo vapor da água quente. Entrou no chuveiro e fizeram sexo alucinante. Ela rosnava, gemia e tremia de prazer. Ivan, de joelhos, a beijava no sexo, quando sentiu algo mais quente que a água escorrer em seu rosto. Olhou para ela e o sangue escorria do ferimento... quis parar... — *Não para... continua...* – disse Renata, erguendo-o para que ele pudesse penetrá-la. Ao atingir *La petite mort*, ela pareceu desfalecer. Mas não, Renata o puxou para o quarto. — *Quero fazer amor com você enquanto a noite durar* – disse Renata, que se deitou de bruços mantendo o bumbum para cima, enquanto Ivan a penetrava. O corpo branco e frio não condizia com a excitação e volúpia sexual de Renata, que se contorcia de prazer. Ivan sentiu a presença de alguém no quarto, de soslaio viu um homem ao lado da cama, com o lampejo de um raio a imagem desapareceu. Mais um *flash!* E pelo reflexo do porta-retratos na cabeceira da cama viu o homem em pé atrás dele, ao tempo que sentiu uma mão em seu ombro, num movimento rápido virou-se usando o braço como pêndulo para atingi-lo, mas nada encontrou. Com o golpe passando no vazio, caiu da cama. — *Vem e me possui* – Renata soltou um grito rouco e tenebroso.

Renata parecia insaciável, e a maratona de sexo selvagem continuara. Até que próximo ao amanhecer ela adormeceu. Ivan estava apreensivo, a tempestade cada vez mais forte e as aparições continuaram por mais algum tempo. Ele levantou para ir ao banheiro, e percebeu que tinha sangue pelo corpo, não sabia se do ferimento da cabeça dela, ou se durante o sexo brutal ela se machucara. Voltou para a cama e deitou ao lado dela. Aproximou o rosto da face de Renata e sentiu algo viscoso ao beijá-la. Acendeu um fósforo para iluminá-la... e gritou de horror!

Renata estava decapitada e havia sangue por toda a cama. Correu para o telefone, mas estava mudo. Voltou para o quarto na esperança de ter sido mais uma alucinação, mas lá estava o corpo sem vida. Tinha que fazer algo. Desesperado pegou o carro e saiu em alta velocidade para buscar ajuda. Logo próximo de casa, na curva da morte, onde Renata falara ter sofrido o acidente, viu luzes e viaturas da polícia e dos bombeiros, e perto no barranco o carro de Renata totalmente destruído. A batida não havia sido tão simples como ela relatara. Desceu do carro para pedir ajuda e de cara encontrou João Carlos, que veio em sua direção assombrado. — *O que aconteceu com você, meu amigo?! Estou ligando em sua casa e ninguém atende* – exclamou João Carlos.

Ela está morta! A Renata está morta lá em casa! – disse Ivan.

João Carlos estranhou a frase do amigo, e dizia para ele que não era possível, mas Ivan insistia na afirmação: — *Ela está lá em casa!* – João Carlos o pegou pelo braço e o levou ao carro acidentado. Lá estava Renata e Guilherme, ambos decapitados, em meio das ferragens retorcidas. Ivan não suportou o choque e desmaiou.

.....
Seu Ivan! Seu Ivan! Acorda!

Ivan estava tão cansado e bêbado, que pegara no sono dentro do próprio carro no estacionamento do *Fogo sobre Fogo*. Amauri, depois de fechar o bar, o vira adormecido e resolvera acordá-lo.

SANTO SOUZA – I

Fontes de Alencar

Paulo Mercadante (1923-2013) em peritexto na 2ª edição (1977) de *História de Sergipe* escrita por Felisbello Freire acertadamente considerou:

Os diferentes estados que configuram o território brasileiro não representam formas traçadas ao acaso (...) O País, embora adolescente, formou-se em razão de um processo natural, e as vicissitudes teceram no tempo de quase cinco séculos a fisionomia de seus membros políticos. As velhas províncias armaram-se das mais novas conquistas, com a redução das distâncias, que a tecnologia favorece, mas conservam as suas raízes nas lutas pioneiras dos colonizadores, de seus heróis e seus mártires

É de pouca valia a dimensão geográfica de cada uma; o maior ou menor índice de progresso material; a escassa ou densa população. Cada estado participa do conjunto, trazendo as virtudes desenvolvidas no esforço do crescimento. No acervo assim havido somam-se valores materiais e espirituais; diversificam-se os primeiros em função de circunstâncias e momentos; os últimos são resultados de um curso que acaba imprimindo nos costumes e comportamento dos habitantes um traço inconfundível e original.

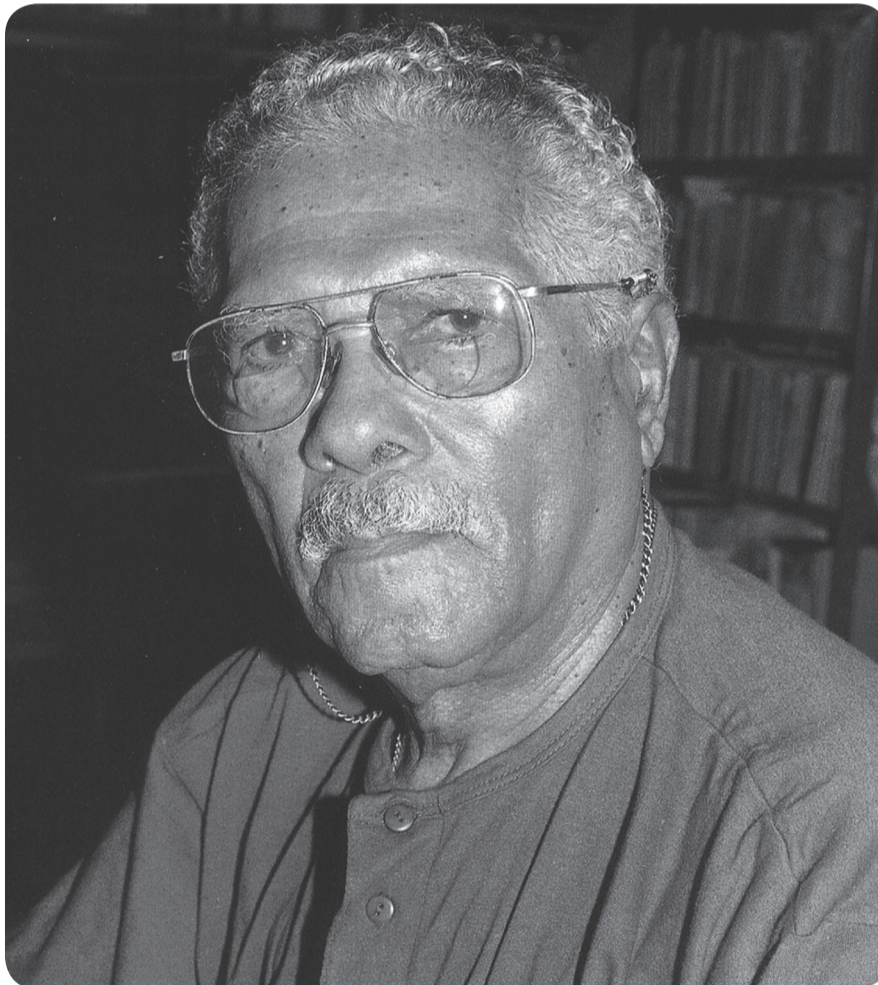
Com efeito, leitor. Diminuto território e população pequena em relação ao todo nacional, Sergipe – registra a História – dedicou-se sempre a esforços pelo bem do Brasil. Em outra oportunidade realcei os cantos márcios de Tobias Barreto lá no Recife quando do Penoso Lustru – o quinquênio bélico de 1865-1870 (Os Voluntários Pernambucanos, Aos Oficiais da Guarnição da Paraíba, Os Leões do Norte, Em Nome de Uma Pernambucana, Guerra de Assunção e Guerra do Paraguai, entre outros).

Em Parnaso Sergipano – obra do fim do Século XIX e começo do XX – Silvio Romero englobou num primeiro grupo de poetas sergipanos Joaquim de Calasans e Pedro de Calasans. Eram irmãos. O primeiro deles perdeu a vida combatendo em Curuzú no ano de 1866. O outro é o autor de *Camerino*

– *Episódio da Guerra do Paraguai* – publicado em 1875, reproduzido em *Verso e Prosa* do lamartiniano, que Jackson da Silva Lima organizou e pela Secretaria de Cultura de Sergipe foi editado.

Francisco Camerino, nascido na sergipana Estância, cognominado de voluntário paisano por Alberto Deodato em trabalho de 1917, ficou na História pela sua heroicidade em Curupaiti, onde desviveu a 22 de setembro de 1866.

Junho, dia 11, de 1865. Nessa data ocorreu a importantíssima Batalha do Riachuelo. As forças brasileiras mereceram a vitória.



O Poeta Santo Souza

Silenciadas as armas em 1870, e já o vocábulo da toponomástica castelhana era integrado à toponímia brasileira em 1872, com a criação do Distrito de Riachuelo, hoje cidade.



Em Riachuelo, de Sergipe, nasceu em 1915 José dos Santos Souza. Salvante estudos iniciais, autodidata, alcançou largo conhecimento, inclusive de idiomas estrangeiros; e nos legou considerável acervo bibliaco de poesias e crônicas. Estreou em livro com *Cidade*

Subterrânea, de 1953, que Câmara Cascudo prefaciou e José Augusto Garcez apresentou; no ano seguinte surgiu a primeira edição de *Caderno de Elegias*.

Da primeira coletânea de poemas referida recolho estes dois sonetos e lhos entrego, leitor:

URNA FANTÁSTICA

Venho de longe... – Em minhas mãos queimadas
Trago a cinza de céus crepusculares!
Nos olhos, trago noites e alvoradas
e, na alma, os sons da eterna voz dos mares.

Trago lírios de luz... Trago irisadas
ondas de sóis, desfeitas em colares.
E, aceso, o pálio azul das madrugadas
para cobrir os tronos e os altares.

Trago o silêncio! E a paz! E a luz que
[ondeia
dentro dos astros – esses grãos de areia,
orvalhados de névoa e de harmonias...

E urnas de sonhos, clâmides de estrelas,
Trago-as de longe para oferecê-las
a esses que vêm com as pobres mãos
[vazias!

RIO FANTASMA

Rio morto no tempo... Rio aberto
sobre um lençol de pedras e de areia
onde o fogo dos astros cambaleia
com os passos dúbios do clarão incerto.

As suas águas não mais ouvem, perto,
nem soluços, nem vozes de sereias...
E, além, nas margens áridas, campeia
um silêncio de morte num deserto.

Rio remoto... Lírico, profundo,
onde os sonhos mais velhos deste mundo
soluçam lá por dentro, encarcerados...

Rio fantasma! Rio de águas turvas,
onde se vê, coleando pelas curvas,
o reflexo dos astros assombrados...